

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

DO

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IBECC

(Comissão Nacional da UNESCO)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF.- Brasil.

O FOLCLORISTA DO DIALETO CAIPIRA

Comunicação à CNFL por ALDO OBINO, da Sub-Comissão
Sul-Riograndense de Folclore.

Este ano o Brasil comemora o vigésimo ano da morte de Amadeu Amaral, o capitoso polígrafo paulista, que por quarenta anos laborou nas lides de imprensa, deixando como herança dez obras, além do material difuso nas revistas e jornais. O Instituto Progresso Editorial, de São Paulo, começou a edição das Obras Completas desse escritor, tendo publicado de início as TRADIÇÕES POPULARES, em que transparece o folclorista da geração subsequente a Silvio Romero, Couto de Magalhães e tantos outros.

Esse filho do Interior paulistano conquistou não só São Paulo, mas também o Rio de Janeiro, indo para a Academia Brasileira de Letras. Autor poético, novelista, o literato do MEMORIAL DE UM PASSAGEIRO DE BONDE culmina do ponto de vista da pesquisa no DIALETO CAIPIRA. Interessante é notarmos como até a literatura paulista se distingue das outras culturas provinciais do Brasil. O literato lá não se contenta com a arte pela arte. Cassiano Ricardo atinge seu clímax com A MARCHA PARA O OESTE. Monteiro Lobato chega à exacerbação com sua preocupação social. O nativismo e a busca do social são apanágio do folclorista Mario de Andrade. O mesmo sucede com Sérgio Milliet, o ensaísta. No plano da língua, Amadeu Amaral não fica sozinho. Af estão os estudos de Mario de Andrade, Ciro Padua e os tentamens de Mario Neme, a par da busca literária de Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato e Menotti del Picchia.

O DIALETO CAIPIRA é bem o irmão mais velho de O DIALETO BRASILEIRO, de Ciro Padua e de O DICCIONARIO DA GÍRIA BRASILEIRA, de Manuel Viotti, bem como do LINGUAJAR CARIOCA, de Antenor Nascente e de A LINGUA DO NORDESTE, de Mario Marroquim e das obras mestras de Renato Mendonça, principalmente em O PORTUGUÊS DO BRASIL.

Distinguindo-se como polígrafo em gêneros os mais diversos, Amadeu Amaral trilhou da poesia à crítica, da reflexão filosófica ao âmbito folclórico, do humorismo à séria meditação.

No Instituto da Língua Brasileira há dois anos fundado, tem Amadeu Amaral o seu lugar de relêvo como patriarca e precursor de uma lide muito debata, mas que se afirma com a pujança da cultura nacional em ascensão. Pesquisando a diferenciação da língua na forma de um dialeto em expansão, consagra ele os que concedem e os que se opõem à discriminação: a linguagem diante da língua, a expressão literária diante da estrutura da língua.

Vários livros nos últimos anos têm sido publicados contra esse desbravamento. É o caso de O FUTURO DA LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL do português Agostinho de Campos, assim como de A LINGUA DO BRASIL, de Gladstone Chaves de Mello e principalmente a réplica ao Instituto de Língua Brasileira que é a fundação há dois anos da revista LINGUA E LINGUAGEM, tentativa de envolver e barrar o problema de maneira sutil, não podendo, entretanto, estancar a escrita e as vozes de um Edgar Sanchez, de um Herbert Parentes Fortes no plano teórico, como um Catulo Cearense, um Monteiro Lobato, um Ribeiro Couto, um Cassiano Ricardo.

Amadeu Amaral, o morto de há vinte anos, clama por sua obra no sentido de alertar a gente no rumo do bandeirismo linguístico.

São Paulo por sua gente e cultura é uma Província inconformada. Seu lema é sempre desbravar. O movimento universitário lá tem as mais fortes balizas. A Arte na busca da Semana de 1922 continua como aspiração. A criação de museus mostra como valoriza o Passado. Os laboratórios de microfílm e de energia atômica são paralelos ao pesquisar aprofundado do folclore. Os congressos de língua nacional mostram a mobilização de equipes.

Amadeu Amaral é no folclore um vanguardeiro, como Guarnieri e Mignone na Música; Portinari na Pintura, Brecheret na escultura e Warchavchki na arquitetura e seu companheiro Mario de Andrade, o folclorista de MACUNAIMA.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

DO

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IBECC

(Comissão Nacional da UNESCO)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF.- Brasil.

"AS MULHERES DE MANTILHA"

Comunicação à CNFL por WALTER SPALDING, da Sub-Comissão Sul-Riogran-
dense de Folclore.

Joaquim Manuel de Macedo é um dos romancistas mais populares, hoje, dentre os de sua época. Seus romances andaram de mão em mão e ainda no primeiro quartel deste século não havia moço ou menina, por assim dizer, que não os lesse.

Poucos, entretanto, haviam lido AS MULHERES DE MANTILHA. E os que o leram não estavam à altura de dizer de seu significado. Nós que desde os bancos colegiais liamos Macedo e lemos toda sua obra com exceção de AS MULHERES DE MANTILHA, porque o título não atraía, ficamos, agora, verdadeiramente atônitos ao lermos esse romance histórico de Macedo na bela edição da Cia. Melhoramentos de São Paulo.

É que AS MULHERES DE MANTILHA, mais do que romance, é excelente repertório de material folclórico. E temos certeza quasi que absoluta que nos folcloristas não o conhecem, nunca o leram, como nós nunca o havíamos lido. Entretanto, a obra merece ser lida e merece ampla divulgação.

As festas de Natal e Reis, a Serração da Velha, o Entrudo, usos e costumes da época colonial, do período do Conde da Cunha, ali estão descritos maravilhosamente. Se a parte romântica, em si pouco valor tem, esta, folclórica, vale todo o livro além de conter, para quem está afastado da história, elemento interessante com que avaliar o que era o período colonial no Brasil. É bem verdade que nem todos os governadores tiveram oficiais de sala como aquele Castro Menezes que serviu o Conde da Cunha. Mas, mutatis mutandis, o ambiente durante os vice-reinados do Rio de Janeiro era aquele descrito por Macedo em AS MULHERES DE MANTILHA.

Chamando a atenção de nossos folcloristas para esse romance histórico de Joaquim Manuel de Macedo, estamos certo de que, todos, encontrarão, nele, elementos interessantes para estudos folclóricos da época colonial, tão desconhecida pela falta que há de elemento. Se bem pouco, é, contudo, muito o que Macedo nos oferece naquela seu romance.
